

ENTRE A GEOGRAFIA ACADÊMICA E A GEOGRAFIA ESCOLAR: A NECESSIDADE DO ENGAJAMENTO SOCIOPOLÍTICO E DE TEORIZAÇÃO EPISTEMOLÓGICA NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE

Fábio da Silva Gonçalves

Mestrando em Sociedade, Ambiente e Território, UFMG-UNIMONTES

Email: fabbyogeo@hotmail.com

Edmilson Mendes de Faria

Mestrando em Sociedade, Ambiente e Território, UFMG-UNIMONTES

Email: edmilson.faria13@gmail.com

Palavras-Chave: Geografia Acadêmica; Geografia Escolar; Formação Docente; Engajamento Sócio-Político; Epistemologia Geográfica.

A Geografia se tornou científica devido aos trabalhos de Alexander Von Humboldt e Karl Ritter no século XIX. É com eles que nasce a Geografia acadêmica, produzida nos postos universitários e ensinada nas escolas. Desde que ganhou *status* acadêmico, a ciência geográfica passou por muitas transformações.

Logo após ter se integrado ao rol de ciências universitárias e ter, ainda que hipoteticamente, se desprendido de um fazer geográfico unicamente estrategista e/ou geopolítico, ela passou a assumir um posto de neutralidade, talvez para evitar embates que pudessem vir a deturpar a sua recém-cátedra (MOREIRA, 1994).

Entretanto, um saber acadêmico não está alheio à questão sociopolítica, porque ele é uma resposta às demandas múltiplas de uma sociedade organizada a partir das relações políticas, econômicas e culturais que se dão em seu âmbito. Não se pode eximir o saber universitário de se engajar no viés político, porque isto é a ele imanente. Isto porque se embrenhar-se na vida acadêmica diante da sociedade contemporânea faz parte de uma carreira, direcionada por fins financeiros, formação pessoal e de outras ordens. Trata-se do ingresso na vida profissional, imbricada em estatutos, normas de atuação e comportamentos. Assim, muitas pessoas têm a sua estrutura ocupacional relacionada à propagação, proteção ou avanço do conhecimento da Geografia. (JOHNSTON, 1986)

A propósito, Cavalcanti (2002) assevera que, muitas das vezes, ocorre a divisão acadêmica do trabalho, pois uns estão vinculados à teoria, e outros à prática (ensinam). Segundo ele, esta divisão forja uma falsa dualidade entre professores e pesquisadores, expressa, por exemplo, por aqueles que pleiteiam a separação entre os cursos de graduação em Geografia para licenciados e bacharéis. Continua dizendo que esse processo só vem a contribuir para o arrefecimento da ciência geográfica, tanto em nível acadêmico, quanto escolar. Desta maneira, os professores de Geografia veem-se subjugados a uma situação paradoxal, que decorre da inadimplência dos mesmos quanto ao poder de reivindicação e ao condicionamento submisso de órgãos institucionais.

Por isso, Lacoste (1988) aclara que a Geografia Acadêmica possui estranhas carências epistemológicas, ideia revigorada quando defende que a maior parte dos geógrafos teorizam o menos

possível. Em consequência, faz uma análise crítica a respeito dos que declaram não ter preocupações com as “considerações abstratas” (exercício epistemológico), escondendo-se sob o manto de que a Geografia é apenas uma ciência de síntese e que a mesma não se define nem pelo seu objeto, nem por seu método, apenas pelo seu ponto de vista. Mas esta “carência” de debate epistemológico não circunscreve culpa apenas ao sistema universitário e seus integrantes, mas também tem parcela de culpa alguns professores da Educação Básica que não participam ativamente da constituição de um projeto epistêmico e metodológico da Geografia, nem tampouco declaram a sua posição de esteio teórico.

Por sua vez, a Geografia como disciplina curricular na Educação Básica está relacionada à preparação do escolar para entender a dinâmica da realidade espacial. Para tanto, propõe-se que o aluno problematize, atue e critique o que lhe é ensinado, para que possa ser um agente de transformação. Essas premissas são advindas de uma nova forma de pensar e conceber a Geografia – Escolar e Acadêmica – que deixa a forma de disciplina apenas descritiva, hermética e empírica sobre dados naturais e humanos tomados isoladamente, e passa a incorporar um novo cabedal teórico-metodológico já entendido no segundo capítulo deste trabalho.

Neste contexto, o professor-educador, essa é a nova perspectiva da docência, deve efetuar práticas e reflexões que leve o aluno a alcançar os objetivos da disciplina que ele está aprendendo. Urge então, o que abordamos no item anterior a este: a necessidade preeminente de o professor refletir e pensar sobre a sua prática de vivência em sala de aula e também da Geografia enquanto ciência. Sob este ângulo, a educação e, no caso a geográfica, pode se desenvolver mais lúcida e confiavelmente, a começar pela formação docente na academia.

Do mesmo modo que se questiona a ruptura existente entre o ensino acadêmico e o escolar, dentro deste se questiona o papel do professor relacionado ao mero cargo de transmissor de conhecimento, muitas vezes por meio de uma oralidade mecânica, externa à vida do aluno, anti-dialética e sob os viciosos fazeres do senso comum. Por isso, o professor tem um papel importante no cotidiano escolar: é o especialista do componente curricular que estabelece as estratégias de ensino, seleciona os conteúdos, assessora o aluno no alcance da realização crítico-cidadã. (CAVALCANTI, 2002). Da combinação desses fatores – esteio pedagógico adotado e formação profissional adequada – resulta um professor com suporte teórico-metodológico definido.

Alinhavadas tais questões, o objetivo deste trabalho, que tem como procedimento metodológico a revisão bibliográfica, é analisar as relações entre o conhecimento acadêmico e o escolar da Geografia, haja vista o engajamento sociopolítico, a teorização epistemológica e que envolve tais domínios no contexto da formação professoral.

Sendo assim, problematizamos: Quais são as relações entre o conhecimento geográfico acadêmico e o produzido em salas de aula na Educação Básica? Ou ainda: como o engajamento sociopolítico e a necessidade de teorização epistemológica da Geografia podem contribuir para a formação de professores com visão mais crítica da realidade, incluindo a escolar?

Portanto, trata-se de um tema relevante à medida que permitirá refletir sobre os processos educacionais que envolvem ciência geográfica acadêmica e escolar, bem como as interfaces desenhadas entre as tais. Isto permitirá, por sua vez, subsidiar a formação de professores de Geografia para que ao

atuarem em sala de aula possam tornar a prática de ensino integrada e enviesada social e criticamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

JOHNSTON. R.J. **Geografia e Geógrafos**. São Paulo: Difel, 1986.

LACOSTE, Yves. **A Geografia** - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papyrus, 1988.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia?** 15ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994.